

Polaridades no centro: Poder X Relação

| Por Arnaldo Alves da Motta, consultor do Instituto Fonte que participou e se inspirou no evento “Através de olhos goetheanos - desenvolvendo uma prática para o mundo”, ocorrido em novembro de 2014, em Towerland, na África do Sul, promovido pelo The Proteus Initiative.

– Como estão suas polaridades? Pergunta a moça ao chegar na roda de amigos. Era uma tarde quente e agradável de início de inverno.

– Isso lá é jeito de se cumprimentar! Ele murmurou sem ninguém perceber. Os que estavam ali receberam aquela pergunta com naturalidade e alegria.

Quase uma cumplicidade de quem havia participado de uma conversa em um local distante, do outro lado do Atlântico. Tinham fresco, na memória, o episódio que deu origem àquela forma divertida de dizer alô: estavam sentados em volta da mesa do café, debaixo de um céu azul de doer, aquecendo-se no sol, depois de dias e noites de chuva intensa. Em meio àquele calor úmido, alguém disse que as polaridades são polares e que sua dinâmica se dá de forma compensatória, quando um lado se intensifica demais, vem o outro para contrabalançar.

– Existe encontro nesta dinâmica? Ele perguntou.

Tinha ido ver os amigos e amigas. Queria estar com as pessoas que fazia algum tempo não encontrava. Particularmente naquela dia¹⁰, estava impactado pelo noticiário: os atentados na França, Tunísia e Kuwait. Na TV, falou-se da reação israelense sobre o reconhecimento do Estado Palestino pelo Vaticano. As ruas do Brasil comentavam as declarações de petistas e peessedebistas sobre as evidências da corrupção nas diversas esferas institucionais do país.

A aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo pela Suprema Corte dos Estados Unidos provocava reações contrárias e intensas.

Dentro da perspectiva da luta pelo poder, a resposta para o questionamento dele é: não!

Todo esse noticiário parece mostrar que, de modo geral, cada polo - xiitas e jihadistas, israelenses e palestinos, petistas e peessedebistas, pessoas pró e contra o casamento gay, deseja prevalecer o seu lado, como único que faz sentido e que é correto.

Neste caminho há apenas a tensão, fruto do fortalecimento de posições e defesas. **Quanto mais um polo pretende prevalecer, mais o seu oposto parece ameaçar. Quanto mais o oposto ameaça, mais recursos são necessários para manter a posição. O encontro fica cada vez mais distante.**

Olhando o cenário desenhado pelas manchetes, as polaridades estão dissociadas, em um formato

onde cada polo canaliza sua energia para negar a existência do outro. O que existe aqui é apenas a evitação.

A evitação da ameaça. Ameaça que traz consigo o medo. Medo da morte.

O padrão de dissociação, predominantemente defensivo, tem raízes distantes e profundas em nossa cultura ocidental. No âmbito das “crenças” (religioso), tem-se a tradição católica, que protegeria seu “rebanho” contra o “demônio”. No campo dos “saberes” (científico), estabeleceu-se o método para que o conhecimento não se contaminasse do “subjetivo”.

Não se trata de condenar ingenuamente o cristianismo, o empirismo ou o racionalismo. Olhando o desenrolar da história da ciência, não existe dúvida sobre o que cada um desses “ismos” trouxe de possibilidade ao pensamento ocidental. O primeiro deles, com sua mensagem de alteridade. Os seguintes, habilitando o ser humano como protagonista na produção do saber.

Mesmo que tais movimentos trouxessem consigo a possibilidade integradora, o padrão dissociativo vem prevalecendo no manejo das polaridades pela cultura hegemônica deste lado do hemisfério.

É conhecida a recomendação de Maquiavel¹¹ sobre a estratégia de dividir para enfraquecer o inimigo. Antes dele, César¹² já fazia uso do lema *divide et impera* e Napoleão¹³, outro grande conquistador, tinha a sua versão com *divide ut regnes*.

O poder parece se fortalecer com a dissociação.

A conversa havia tomado um rumo inesperado. O encontro pretendia reaquecer os laços afetivos e, de repente, parecia adquirir um contorno “cabeça”! Uma confusão pairava sobre a mesa. Por que estavam ali? Por que a conversa tomava aquele rumo?

Ele não tinha estado naquele evento em que os demais haviam compartilhado vivências importantes, por isso estranhava!

– Não precisa ser necessariamente assim, arriscou.

Seu olho brilhou. Os demais lhe dirigiram a atenção. Ele entrara na “frequência” em que aquele grupo estava sintonizado. Como sem perceber, já se levantara e andava ao longo.

Ela foi atrás, apressou o passo.



¹¹ Maquiavel, Nicolau (1469 - 1527).

¹² Caio Júlio César (100 AC - 44 AC).

¹³ Napoleão Bonaparte (1769 - 1821).

Ele estava subindo o degrau para embarcar no ônibus. Voltou-se e seu olhar encontrou o dela. Enquanto a porta do coletivo se fechava, ela pôde ouvir ele se despedir com a pergunta que levava consigo: como você está lidando com as suas polaridades?

Agora ela estava só. A forma como ele havia reformulado a pergunta havia mexido com ela. Ficou a observar. Tal como tinha exercitado naquele evento que havia marcado profundamente a sua vida. Tinha um olhar diferente, como uma criança com um olhar fresco.

Sabia o que queria, não era um objetivo. Ela não estava atrás de algo definido e não sabia onde chegaria. Ela tinha uma intenção: apenas olhar. Observar é estar dentro e também se observar, tudo junto. Estar em relação. Sozinha, mas não solitária.

Nessa sintonia consigo e com o que a cercava, alguns pensamentos vieram. Anotou no guardanapo: “Quando a conexão se perde, vem a briga e a luta. A violência onde a dança não é possível. Ao ignorar o outro, vem a dor e a raiva. A imposição ao mundo como recurso derradeiro leva ao isolamento e a infertilidade, o poder!

Nada mais resta. Não existe generosidade no poder. Humilhação!

O mergulho interno abre o olhar. Ao ver o mundo, penetra-se no interior. Observar, sentir,

entrar, receber. Absorver, dedicar. Perceber a relação, acordar para a conexão. Evitar a morte faz um mundo com menos vida.

As revelações surpreendem! Fazem pulsar o coração, os pensamentos, os sentidos, as emoções. Todo o ser e o que o rodeia.

Uma comunhão sagrada, ordinária, abre espaço para existência.

Para ser apenas plenitude. Redenção!”

Ela sentia-se presente, embora não tivesse ideia do que a tivesse levado àquele lugar. Releu suas anotações e se fixou nos dois desfechos, humilhação e redenção. Caminhos diferentes, ponderou. Um aprisiona, o outro liberta. Sútil diferença, quando é possível escolher.

— A moça já fez a sua opção? - Escutou alguém perguntar.

Virou-se e viu o atendente que há tempos aguardava o seu pedido.

